



SANTOS, C.; WILL, D.; LUZ, E.; ZANETTE, E.; PEDROSO, G.; NICOLEIT, G.; SOUZA J. de; HACK, J.; ROESLER, J.; POSSA, L.; FOOHS, M.; LOCH, M.; KLEIS, M.; CASSOL, M.; LUZ, R.; SCHERER, S.. Tema 1 - Conceitualização e Contextualização Histórica. **Material Didático da Formação Continuada em Educação a Distância**. ACADEVirtual. 2007.

SASS, L. Design for self assembly of building components using rapid prototyping. In. ECAADE CONFERENCE: Architecture in the Network Society, 22., 2004, Copenhagen. **Proceedings...** Copenhagen: The Royal Academy of Fine Arts - School of Architecture, 2004. p. 95-104.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SEELY, J. CK. **Digital Fabrication in the Architectural Design process**. Dissertação (Mestrado) - Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 2004.

SILVA, C. R. da. **Análise da utilização das tecnologias de fabricação digital aplicadas ao ensino de graduação em design no estado de São Paulo** / Conrado Renan da Silva, 2021.

Reflexões sobre o habitar heideggeriano na contemporaneidade

Reflections on Heideggerian dwelling in contemporary times

Gislaine Carolina da Silva, Mestra, UFSC.

gislainecarolina@outlook.com

Maristela Moraes de Almeida, Doutora, UFSC.

arqtela.ma@gmail.com

Resumo

Este artigo traz um olhar sobre o conceito de habitar proposto pelo filósofo Martin Heidegger exposto na conferência *Mensch und Raum* em *Darmstädter*, em 1951, por meio do pronunciamento do ensaio 'Construir Habitar Pensar'. O estudo configura-se pela via do interesse intelectual, pois visa aprofundar no entendimento do conceito de habitar e sua relação com um modo de viver mais coerente com o planeta que nos abriga. O conceito de habitar apesar de ter sido refletido a mais de setenta anos atrás se mostrou um assunto emergente para os tempos atuais mostrando estreita relação com o tema sustentabilidade visto que, o habitar parece ser um meio de se alcançá-la. Almeja-se que as questões aqui apresentadas seja um convite para se repensar o modo como habitamos o/no mundo.

Palavras-chave: Habitar; Arquitetura; Sustentabilidade.

Abstract

This article takes a look at the concept of dwelling proposed by the philosopher Martin Heidegger exposed at the Mensch und Raum conference in Darmstädter, in 1951, through the pronouncement of the essay 'Building Dwelling Thinking'. The study takes the form of intellectual interest, as it aims to deepen the understanding of the concept of dwelling and its relationship with a way of living that is more coherent with the planet that shelters us. The concept of dwelling, despite having been reflected more than seventy years ago, has proved to be an emerging subject for the current times, showing a close relationship with the theme of sustainability, since dwelling seems to be a means of achieving it. It is hoped that the questions presented here will be an invitation to rethink the way we inhabit the world.

Keywords: Dwell; Architecture; Sustainability.

1. Introdução

Como você habita o mundo?

Talvez, nunca paramos para refletir sobre isso, contudo estamos a todo momento a habitar. Trazer consciência para o modo como somos e estamos sobre a Terra diz respeito ao nosso habitar. Sim, habitar está em todos os âmbitos de nossa existência, dada a sua amplitude, mais do que refletir, decidimos viver. O nosso modo de viver pode ser visto como uma extensão de nossas crenças, de valores e de intenções que, transformadas em escolhas e/ou atitudes, concretizam-se no habitar. Logo, habitamos: a Terra enquanto espécie humana, nossos países enquanto nação, nossa cidade enquanto cidadãos, nossos bairros enquanto moradoras, nossas casas enquanto habitantes, nosso corpo enquanto alma. Ou seja, habitar é da essência do nosso ser. Entretanto, uma vez que não refletimos a respeito do nosso modo de viver, habitamos a qualquer modo, de forma inconsciente, o que pode gerar modos de existir incoerentes com a essência de nosso ser e dissonantes das reais capacidades do *habitat* em que vivemos. Mas, então, haveria uma forma ‘correta’ de habitar? Estaríamos a habitar erroneamente?

A realidade nos apresenta dois acontecimentos que dizem muito sobre o habitar humano no Planeta Terra enquanto coletividade, são eles: o Antropoceno e a Pegada Ecológica. O primeiro diz respeito à alteração geológica na Terra causada pela espécie humana, o que revela um modo de existir degradante e insustentável a longo prazo. O segundo, Pegada Ecológica, é resultado de um cálculo que estima quanto de água e de área de terra uma pessoa, uma população ou uma atividade precisa para suprir suas necessidades no que diz respeito aos recursos que consome e resíduos que gera de acordo com o estilo de vida (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2022). Os dois fatos são decorrentes da relação estabelecida entre o ser humano e o seu *habitat* natural, e sustentam a iminência de se repensar a maneira como se habita a Terra, principalmente no que diz respeito ao impacto humano gerado no Planeta.

Mais do que trazer respostas as inquietações apresentadas, este estudo é um convite à reflexão acerca do habitar evidenciado aqui por meio da revisão da raiz teórica-conceitual acerca da ideia de habitar desenvolvida pelo filósofo Martin Heidegger. O conceito emerge em uma conferência que visava a reconstrução das cidades na ocasião do pós-guerra que, posteriormente, dá origem ao ensaio ‘*Construir, Habitar, Pensar*’ tradução livre do título original ‘*Bauen, Wohnen, Denken*’ em 1954. Desse modo, a pesquisa configura-se pela via do interesse intelectual, pois visa aprofundar no entendimento do conceito de habitar e sua relação com um modo de viver mais coerente com a capacidade do planeta que nos abriga.

2. Desenvolvimento

A ideia de habitar em que este trabalho se apoia é aquela exposta pelo filósofo Martin Heidegger na conferência *Mensch und Raum* em *Darmstädter*, em 1951, por meio do pronunciamento do ensaio intitulado originalmente como *Bauen Wohnen Denken* e traduzido, neste trabalho, como “Construir Habitar Pensar”. Esse ensaio, assim como, “A coisa” e “... Poeticamente, o homem habita...”, complementares e contemporâneos a ele, foram escritos após a Segunda Guerra Mundial, momento em que a Alemanha passava por uma reconstrução social e política (SHARR, 2007). Ainda segundo o mesmo autor, entre 1939 e 1945, um quinto das casas alemãs tinham sido destruídas e as produções de Heidegger, mencionadas anteriormente, foram

uma resposta direta aos desafios que a Alemanha vivia. Mediante raízes filosóficas, Heidegger traz sua perspectiva a respeito da crise habitacional e sua estreita relação com habitar e construir.

Martin Heidegger foi um filósofo que nasceu em 1889, no sudoeste da Alemanha, em Messkirch, Suábia, e faleceu em 1976 sendo enterrado na sua cidade natal. Ao longo de sua vida, Heidegger escreveu várias obras tendo atuado também como professor. O pensamento de Heidegger teve grande influência de Edmund Husserl, fundador do movimento fenomenológico, no entanto, a fenomenologia seguida por Heidegger acabou por se distanciar daquela proposta por Husserl (LOPARIC, 2004). Apesar de Heidegger não ter qualquer formação em arquitetura, sua teoria influenciou muitos arquitetos a repensar questões importantes que tangem a disciplina arquitetônica. Nesse sentido, a corrente fenomenológica defendida por Heidegger influenciou, e continua a influenciar, muitas arquitetas simpatizantes por uma fenomenologia da arquitetura e, para além disso, suas reflexões acerca do habitar e do construir mostram-se contemporâneas e pertinentes para discussões atuais.

Começemos pelo título *Construir Habitar Pensar*. A expressão não traz uma compreensão imediata, uma vez que desconsidera os critérios de composição de frases. O título se constitui de três verbos independentes, com grau de importância equivalentes, mas integrados de alguma forma, já que não há qualquer pontuação que os desassocie. Com isso, deduz-se, inicialmente, que o ensaio tratará dessas três dimensões integradas entre si, o que é confirmado por Richard Sennett (2018, p. 149): “A ausência de vírgulas indica que os três conceitos constituem uma única experiência [...]”. Logo, há uma correlação no acontecimento dessas três ações.

Para Heidegger (1954), a essência das coisas nos chega por meio da linguagem, nesse sentido, a linguagem não é apenas um meio de expressão, mas sim o meio pelo qual se comunicam ideias. Desse modo, ele busca pensar os significados de habitar e de construir por meio da linguagem conduzindo o seu pensamento sempre ao âmbito originário da palavra. Poderia se pensar, superficialmente, que construir se refere simplesmente à ação de edificar alguma coisa e que habitar consiste no ato de morar, porém Heidegger nos prova que tais palavras, em sua essência, não se reduzem a interpretação rasa e superficial que fazemos comumente. Heidegger salienta que o construir do qual ele trata não se refere às técnicas de construção, mas sim de um retorno do construir a sua essência, “aquilo que é”.

Construir e habitar estão intrinsecamente relacionados, a meta do construir é o habitar, todavia, é no próprio habitar que o construir se consolida. A ideia de habitar é o ponto de partida para Heidegger desenvolver seu pensamento. Quaisquer locais que ofereçam ao homem um abrigo para se desempenhar alguma atividade, se assim ele o fizer, ele o estará a habitar: “Na autoestrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. Na usina elétrica, o engenheiro está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação.” (HEIDEGGER, 1954, p. 125). O habitar não se limita a algo propriamente construído, não está restrito à habitação e nem à preexistência de edifícios.

O habitar transcende uma estrutura física específica e a própria ideia de ‘morar’, que via de regra, se limita a uma casa ou a um apartamento, o habitar se estende a todos os lugares que se pode estar no mundo. Contudo, a expressão ‘estar em casa’ é utilizada com frequência quando queremos demonstrar que um determinado lugar nos traz aquela sensação de proteção, de abrigo ou simplesmente de bem-estar ao desempenhar uma atividade em algum lugar. Talvez, por se reportar sempre a sensação de ‘estar em casa’ ao próprio lar, em detrimento a outros lugares, essa ideia do habitar ancorado na habitação tenha se consolidado.

Apesar da finalidade do construir ser o habitar, Heidegger (1954) afirma que essa não é uma mera relação de meios e de fins, trata-se de uma relação complexa que é explicada por meio da linguagem, em que os significados das palavras conduzem suas ideias a respeito do habitar e do

construir. Neste estudo, o pensamento de Heidegger também é apresentado por meio da linguagem, apesar de o habitar se concretizar na realidade.

Por se tratar de uma explicação que se dá por meio da linguagem, parece pertinente resgatar uma observação realizada por Heidegger (1954, p. 128): “[...] nas palavras essenciais da linguagem, o que nelas se diz propriamente cai, com muita facilidade, no esquecimento, em favor do que se diz num primeiro plano.” Nesse sentido, fica um convite à leitora de ler as explicações que se apresentam deixando de lado as concepções existentes, na medida em que isso seja possível, e se abrir para se aprofundar na essência da palavra e no que ela diz.

Heidegger começa o ensaio buscando responder a pergunta “O que é o habitar?” e recorre a palavra do antigo alto-alemão usada para dizer construir: “*buan*”, para comprovar que o significado da palavra construir era originalmente habitar. A palavra “*baun*” não diz apenas habitar, ela diz: permanecer, morar, e “[...] acena como devemos pensar o habitar que aí se nomeia.” (HEIDEGGER, 1954, p. 126). Essa fala de Heidegger sugere que existe um certo ‘modo’, um ‘como’ de se permanecer, morar e, conseqüentemente, pensar o habitar. Contudo, isso não parece ser o suficiente para Heidegger definir o habitar.

“*Baun*” (construir) vem do verbo “*bauen*” que, por sua vez, também significa construir. No entanto, no verbo “*bauen*”, construir perdeu o significado de habitar, contudo o verbo originalmente diz: “que amplitude alcança o vigor essencial do habitar.” (HEIDEGGER, 1954, p. 127). Orientado por essa afirmação, Heidegger revela que a palavra “*bauen*” é a mesma palavra alemã “*bin*”, que equivale ao verbo ‘ser’ nas conjugações: ‘eu sou’, ‘tu és’ logo, se o verbo ‘ser’ equivale a ‘habitar’: ‘eu habito’, ‘tu habitas’. A presença do ‘eu’, ‘tu’ implica, obrigatoriamente, a existência humana para a ocorrência do habitar; o que, por sua vez, é comprovado pelo que a palavra “*bauen*” diz: “[...] o homem é a medida que habita”. (HEIDEGGER, 1954, p. 127). Dito isso, se faz saber os dois significados de “*bauen*” (construir): proteger e cultivar e; edificar. Apesar de “*bauen*” não ter mais o significado original de habitar, esses dois significados de construir estão contidos dentro do habitar.

Em seguida, Heidegger se empenha em pensar no que consiste o vigor essencial do habitar, mais uma vez ele se ancora na linguagem para tal. Assim como a palavra “*bauen*” diz: permanecer, ‘de-morar-se’, o gótico “*wunian*” diz isso e, ainda, especifica como se dá essa experiência: ser e permanecer em paz. A palavra ‘paz’ significa ‘o livre’, que diz em sua origem: resguardado e, resguardar, significa devolver: “[...] de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). A palavra resguardar encontra significado próprio na expressão ‘libertar-se’, ou seja, “libertar para a paz de um abrigo.” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). Tudo isso culmina no resguardo que Heidegger considera o traço fundamental do habitar que, então, diz: “permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). Cada coisa? Mas, que coisas seriam essas?

No decorrer de sua explanação, alguns pontos importantes foram mencionados e que agora são tratados. Quando Heidegger (1954, p. 127, grifo nosso) diz “[...] ser como um mortal sobre essa terra [...]”, ele infere ‘sob o céu’ que, por sua vez, é “permanecer diante dos deuses” (1954, p. 129, grifo nosso), na conjuntura dos homens, ou seja, dos mortais. Os quatro elementos: a terra, o céu, os deuses/divinos e os mortais estariam interligados entre si de forma originária. “Resguardar cada coisa em sua essência” (HEIDEGGER, 1954, p. 129) seria, então, ter os quatro elementos atuando conforme sua essência natural, característica que qualifica o habitar como habitar.

Logo, no âmbito do habitar, os quatro atributos são compreendidos tendo a figura do homem como ator que os interliga. Habitar sobre a terra “não é assenhorar-se da terra e nem tampouco submeter-se à terra” (HEIDEGGER, 1954, p. 130), mas sim deixar a terra continuar a existir como terra. Habitar sob o céu é estar sincronizada ao ciclo natural das estações e das estrelas em seu fluxo orgânico sem qualquer interferência e, mais uma vez, deixar o céu existir como céu. Habitar

é aguardar os deuses, “Os deuses são os mensageiros que acenam a divindade.” (HEIDEGGER, 1954, p. 129). Logo, é observar o divino que se manifesta na terra, no céu e nos mortais. Os mortais habitam reconhecendo que estão conduzidos à morte, portanto estão de passagem, por isso devem honrar esse percurso respeitando terra, céu e divino, ou seja, deixando-os existir no seu vigor de essência.

Mas como o habitar acontece na prática diante esses quatro elementos? Habitar, apesar de ser mais que um “[...] demorar-se junto as coisas.” (HEIDEGGER, 1954, p. 131), acontece quando essas ‘coisas’ preservam a terra, o céu, o divino e os mortais em seu conjunto. ‘As coisas’, em que os mortais se demoram, são lugares que, muitas vezes, tem uma arquitetura que os conformam. A arquitetura enquanto ‘coisa’ deve, por sua vez, admitir que os quatro elementos aconteçam em sua essência. Dessa forma, Heidegger se encaminha para a segunda parte de seu texto que consiste em responder a pergunta: “Em que medida construir pertence ao habitar?”

Para Heidegger, construções são uma reunião integradora, dos quatro elementos, na qual surge um lugar que comporta espaços dentro de um limite no qual, alguma coisa, dá início a sua essência. Dessa forma, só se pode, de fato, edificar uma construção quando se tiver pensado a essência de cada coisa que a construção exige para sua realização, isto é, os lugares que propiciam aos quatro, terra, céu, divinos e mortais, estância e circunstância.

De acordo com o exposto presume-se que a arquitetura, enquanto coisa construída, deve preservar a quadratura, pois isso é o traço fundamental do habitar. Por sua vez, é o construir que conduz os quatro elementos, a coisa construída, logo esse construir deve deixar-aparecer a essência da quadratura, pois “[...] ao habitar pertence um construir e que dele recebe a sua essência.” (HEIDEGGER, 1954, p. 140). Dessa forma, construir e pensar são indispensáveis para o habitar, contanto que sejam tratados conjuntamente mesmo permanecendo em seus limites.

Heidegger finaliza o ensaio pontuando que a maior crise “[...] consiste em que os mortais devem primeiro aprender a habitar.” (HEIDEGGER, 1954, p. 140), e que esta antecedia a própria crise habitacional que a Alemanha vivia no pós-guerra e quaisquer outras crises habitacionais. A emergência de que nós, mortais, devemos conduzir o construir a partir do habitar e que devemos pensar na direção do habitar é apontada por Heidegger como iminente e necessária.

Todavia, a existência de nós, mortais, na Terra, tem se mostrado a principal fonte de desequilíbrio e impacto no meio. Essa dicotomia parece residir no distanciamento de nós, seres humanos, com o verdadeiro sentido de habitar. É nesse sentido que refletimos como as atividades humanas estão desconexas do curso natural do meio ao qual integra que, toda a Terra já está, em algum nível, sofrendo conseqüências das ações humanas dissonantes com o meio ambiente, uma prova disso é que o planeta está vivenciando o Antropoceno.

O termo Antropoceno, proposto pelo químico Paul J. Crutzen e pelo biólogo Eugene F. Stoermer (2000), refere-se à era geológica na qual a humanidade desempenha atividades que geram crescentes impactos na Terra e na Atmosfera. Os autores designam o final do século XVIII como a data de início do Antropoceno, pois se trata de um período em que os efeitos das atividades humanas mostraram-se notáveis, marcado especialmente pelo início do crescimento de gases na atmosfera, pela invenção do motor a vapor e pela mudança dos meios bióticos na maioria dos lagos (CRUTZEN; STOERMER, 2000). Nesse sentido, somos levados a questionar a existência de fenômenos puramente naturais, pois o impacto causado pela humanidade no mundo já tem efeitos em todo o meio. Assim, desconsiderando o aspecto temporal, um fenômeno “natural” que acontece hoje não está sob as mesmas condições que um fenômeno idêntico em outro período anterior ao Antropoceno, ou seja, as conseqüências das ações humanas já influenciam em certo grau os ciclos da natureza. Dessa forma, a necessidade de se repensar o habitar que, por sua vez, engloba todas as ações e modos de ser e estar sobre a Terra é iminente,

uma vez que o modo como a sociedade está vivendo no Planeta mostra-se insustentável, dada a capacidade de regeneração biológica do Planeta Terra.

Um sistema criado para medir o impacto humano na Terra é chamado de Pegada Ecológica. Originalmente nomeado por *Ecological Footprint*, o sistema foi criado no início de 1990, por Mathis Wackernagel e William Rees, como parte da pesquisa de doutorado de Wackernagel, na Universidade de British Columbia (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2022). O cálculo da Pegada Ecológica considera diversos aspectos da vida humana atual e, com base nessas informações, calcula-se quantos planetas seriam necessários se todos os seres humanos tivessem o mesmo estilo de vida da pessoa respondente. Em 2003, a *Global Footprint Network* foi criada, a organização possui um banco de dados de Pegada e biocapacidade de diversos países, em 2007, lançou uma Calculadora da Pegada Ecológica *on-line*, em que cada pessoa pode calcular a sua Pegada Ecológica.

O nosso estilo de vida está diretamente relacionado ao modo como habitamos o Planeta. E, para reduzirmos nossa pegada ecológica, devemos repensar e mudar aspectos da vida cotidiana que minimizem o impacto gerado no nosso *habitat*. Para isso, é necessário tomarmos consciência de que a forma como estamos habitando o mundo é insustentável, uma vez que consumimos e degradamos o Planeta em uma velocidade maior que a sua capacidade de regeneração. Para solucionar esse problema, devemos repensar sobre o modo como o habitamos e buscarmos meios e alternativas que minimizem o nosso impacto sobre a Terra.

Dado o fato de que o fazer arquitetônico e urbanístico também reflete a escolha de um modo de habitar a Terra, a profissional arquiteta e urbanista deve perceber, no que concerne a sua competência, a importância do seu papel no habitar. Somos nós, profissionais arquitetas e urbanistas, que temos a responsabilidade de incentivar e de oferecer formas menos impactantes de se fazer arquitetura e urbanismo, e assim habitar, ao modo que nos é possível de forma a honrar o meio que nos abriga. Dessa forma, estar atentas para escolhas mais conscientes e sustentáveis que tendem a gerar menos impacto, assim como optar, sempre que possível, por reformas em vez de começar uma obra do zero e/ou reaproveitar materiais, refletem escolhas de um habitar mais consciente. A arquitetura, enquanto habitar, confere a nós, arquitetas e urbanistas, uma parcela de responsabilidade com o todo.

3. Reflexões e Discussões

Entender o habitar sob a perspectiva do filósofo Martin Heidegger mostrou que, apesar de seu pensamento ser conduzido pela sua formação profissional, suas reflexões evidenciam o caráter interdisciplinar da arquitetura. De acordo com seus pensamentos, o habitar é condicionado por quatro elementos, sendo eles: terra, céu, divinos e mortais. Logo, o modo como se é/está nessa terra deve honrar cada um dos elementos deixando que cada um permaneça sendo o que é. Trazendo esse pensamento para a arquitetura, infere-se que quaisquer 'coisas construídas' devem acontecer de forma a se encaixar nas preexistências que tangem, céu, terra, divinos e mortais, ou seja, se inserir de forma harmônica no que já existe deixando-os permanecerem sendo o que é.

A arquitetura é vista aqui como uma manifestação do habitar que configura um modo e escolhas específicas de uma forma de se habitar o mundo revelando por si e em si indícios de um modo específico de habitar, na medida em que sua concepção está imbuída de um modo de ser e estar no mundo. A conexão entre os assuntos aqui expostos parte de uma visão holística da arquitetura, entendendo-a como um habitar que concretiza um modo específico de ser e de estar

no espaço, de um indivíduo ou de um grupo. Além disso, o estudo visa relembrar o caráter transdisciplinar da arquitetura e sua veia filosófica, assim como sua essência.

Para que a terra continue sendo terra, a arquitetura não deve prejudicá-la, a Terra deve, mesmo após a existência da arquitetura, continuar sendo aquilo que é. As coisas edificadas devem permitir que a Terra continue a dar frutos ao florescer e que as águas continuem o seu fluxo em seu percurso. A arquitetura deve estar em harmonia com os ciclos do céu, acolhendo as particularidades de suas estações e de seu clima. Na consolidação da arquitetura, o divino deve se manifestar.

Sem a existência da vida humana, terra, céu e divinos coexistiriam em harmonia, contudo a simplicidade da quadratura não estaria completa. O ser humano, tal como uma árvore, integra o sistema de vida no Planeta Terra, onde cada um tem o seu papel para o equilíbrio geral do sistema, no entanto, o que tem se observado, é que o ser humano não tem agido de forma coerente para a manter essa relação harmônica, se é que isso um dia aconteceu. Quanto maior a integração do ser humano no ecossistema da Terra, enquanto parte que compõe e contribui de forma positiva para que as relações aconteçam de maneira harmônica, mais o sistema estará em equilíbrio.

O habitar aqui estudado mostrou estreita relação com o tema sustentabilidade visto que, o habitar parece ser um meio de se alcançá-la uma vez que, ao se deixar Terra, céu, divinos e mortais existirem em sua essência estar-se-á preservando o planeta para as gerações futuras. Se enquanto pessoas humanas nós vivermos respeitando o habitat, terra, céu, divinos e mortais, que nos cercam e nos acolhem já estaremos praticando uma forma sustentável de viver. Se enquanto arquitetas e urbanistas formos coerentes com o nosso papel e escolhas que respeitem o meio que vivemos, ou seja, habitar a um modo heideggeriano estaremos a ser sustentáveis uma vez que, estaremos deixando as coisas em sua essência para as futuras gerações.

4. Considerações Finais

O tema habitar que foi pensado e refletido por Martin Heidegger em 1951 na ocasião da conferência se mostrou um assunto relevante e atual. Repensar o habitar e como ele ocorre se mostrou um campo emergente de estudo para o momento em que vivemos, visto que o conceito tange todos os âmbitos de nossa existência.

Pensar o habitar é pensar sobre nossas ações perante o mundo e suas consequências, nos vemos como parte integrante do todo e como podemos por meio das nossas escolhas e decisões habitar de modo harmônico com o meio deixando-o permanecer em sua essência. Essa harmonia poderia ser entendida como uma maneira de tentar viver de forma mais sustentável em cada escolha e ação.

Enquanto profissionais arquitetas também habitamos uma vez que, contribuimos com propostas e soluções para construções que se edificam no mundo. Desse modo é preciso cuidar para que nossas escolhas e ações venham desse lugar consciente sobre nossas decisões perante o mundo.

Apesar de o habitar ter sido apresentado aqui de forma teórica a sua relevância iminente está no âmbito das ações e da realidade. Então, espera-se que para além da reflexão e do pensar esse artigo também incentive as pessoas a repensarem como habitam o mundo e que por meio de escolhas e ações habitem seus corpos, suas casas, suas cidades e seu planeta de forma mais coerente com o que ele é.



Referências

- CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. **The "Anthropocene"**. Global Change Newsletter, [s. l], n. 41, p. 17-18, maio 2000. Disponível em: <http://www.igbp.net/download/18.316f18321323470177580001401/1376383088452/NL41.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2021.
- GLOBAL FOOTPRINT NETWORK (org.). **Nosso Passado e Nosso Futuro**. Disponível em: <https://www.footprintnetwork.org/about-us/our-history/>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento humano). p. 125-141. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Título original: Bauen Wohnen Denken (1951).
- LOPARIC, Zeljko. **Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- SENNETT, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. Rio de Janeiro: Record, 2018. Tradução de: Clóvis Marques.
- SHARR, Adam. **Heidegger for Architects**. New York: Routledge, 2007. (Thinkers for architects series).

Economia Circular do Alimento: uma ação de Food Design para o aproveitamento de descarte pré-consumo na cadeia produtiva local de sorvete

Circular Economy of Food: A Food Design action for the use of pre-consumption disposal in the local ice cream production chain

LEPRE, Priscilla Ramalho, Doutora, UFAL - Universidade Federal de Alagoas.

priscilla.lepre@fau.ufal.br

SANTOS, Thiago Procópio dos, Bacharel, UFAL - Universidade Federal de Alagoas.

santos.thiago@fau.ufal.br

Resumo

O desperdício de alimentos é um problema que requer superação imediata e, neste sentido, o Food Design pode colaborar propondo soluções que substituam as narrativas predatórias atuais por outras, estruturadas no equilíbrio entre as dimensões da sustentabilidade. Isso posto, este artigo apresenta o Estudo de Caso realizado em 2021 junto à Universidade Federal de Alagoas - UFAL, que teve por objetivo desenvolver um produto alimentar a partir de resíduo pré-consumo de casquinhas de sorvete, gerado por empresas fast-food da cidade de Maceió – Alagoas. Para isso, utilizou-se as abordagens do Food Design para a sustentabilidade alimentar e Design para a Economia Circular do Alimento. O produto gerado, foi submetido a um processo de validação, aqui descrito, para a verificação da aceitação do público e viabilidade econômica da produção. Por fim, traz-se as considerações finais do processo e do método.

Palavras-chave: Food Design; Economia Circular dos Alimentos; Sustentabilidade.

Abstract

Food waste is a problem that requires immediate overcoming, and, in this sense, Design can collaborate by proposing solutions that replace current predatory narratives with others, structured in the balance between the dimensions of sustainability. That said, this article presents the results of a Case Study carried out in 2021 at Federal University of Alagoas - UFAL, which aimed to develop a food product from pre-consumer waste of ice cream cones generated by fast-food companies in the city of Maceió – Alagoas. For this, we used Design approaches for the Circular Economy and Food Design for food sustainability, supported by empirical data collection. The generated product was